

Meu corpo no vídeo: reflexões sobre uma primeira experiência

Elis Costa

*No meio do caminho tinha uma pedra.
Tinha uma pedra no meio do caminho...
Carlos Drummond de Andrade*

O corpo, que percebeu a pedra, dobrou os joelhos, ergueu os braços e saltou sobre ela. Depois, girando e desenhando espirais ao redor de seu próprio eixo, através da mudança de nível de seus membros superiores, o corpo visto pela pedra conheceu cada lado desse objeto aparentemente inerte. E continuou sua trajetória.

Isso que acabo de contar, nessas linhas breves, vou chamar de *palavradança*. Tal como chamaria de videodança os olhos que capturaram, através de uma câmera, os movimentos desse corpo que encontrou a pedra.

O que eu conto aqui com palavras não existiu exatamente como descrito. Mas escolhemos, eu e minha história, eu e minhas intenções, eu e meu discurso, assim contar. E não minto, porque não falo desse corpo bailarino, mas o uso para falar de mim. Quem conta o encontro do corpo com a pedra através do suporte do vídeo, ao invés da palavra, também não registra o fato. Ou não somente. Mas constrói o seu discurso com novas imagens a partir daquelas que já existem. Imprime poesia ao real, escolhendo ângulos, efeitos, recortes, luz, como aqui eu escolho as melhores palavras.

Mas esse corpo bailarino, que percebeu a pedra, saltou sobre ela e, ao redor da mesma, girou, dança. Esse corpo bailarino poetiza o real em si mesmo, movendo-se. Ou optando por parar, que, cá pra nós, também é mover. Esse corpo constrói e milita o seu discurso sendo o seu discurso no mundo. E, tudo que quer dizer, diz mostrando-se, escolhendo formas, níveis espaciais, tempos, qualidades distintas de locomoção, giros, tensões, saltos, fluidez... Ou seja, editando seu repertório de movimento.

E como lida esse corpo bailarino, pensante e pulsante, com eles – os olhos que veem o corpo por trás da câmera –, já que estes possuem a sua própria bandeira, e para erguê-la, muitas vezes, precisam partir, colar, colorir, descolorir, silenciar ou até apagar a bandeira corpo? Será que, ao ver-se representado em outra plataforma, esse corpo se reconhece?

O corpo bailarino em questão e eu, que danço nessas linhas, temos uma só identidade. Atendemos por Elis, bailarina, atriz, arte-educadora, pesquisadora, integrante da Cia. Etc., declaradamente apaixonada pela palavra, e num recente e curioso caso com o vídeo. Nesse exato momento da nossa relação, estou aprendendo a lidar com a frustração de entendê-lo como ele é; o vídeo ou os olhos que se escondem/se mostram atrás dele, e não como eu gostaria que ele fosse. E, ainda assim, e por isso mesmo, encontro-me num constante estado de deslumbramento diante do novo.

A minha primeira experiência numa videodança foi/está sendo com *Rebu*, realizada pela Cia. Etc., com direção de Breno César e Marcelo Sena, ainda em fase de finalização. Nele, eu – corpo dançante e narrativo – pensei e quis ser mão inteira, em movimento, em ação, e me descobri ora só pele, ora só poros, ora só sombra. Quis ser pintura, bolinhas brancas sobre a palma crua, e me encontrei quase uma aranha com discretas manchas em algo que, às vezes, lembra-me abertura de novela. Quis cortar o ar e ser movimento puro, mas acabei me tornando o próprio Sertão.

Dançar para o vídeo é doar-se duas vezes. É exercitar a generosidade quando tudo que se desenha no corpo é egoísta. É dar-se à (re)interpretação. É doar ao coletivo, a um olhar externo, aquilo que é extremamente particular. É um ato de fé (quase) cega.

Depois dessa fase difícil de adaptação, que segue aquela delícia que é a curiosidade inicial, chegará o momento de aceitar. Se bem lembro, é assim que o amor costuma se instaurar definitivamente entre as partes, formando um inteiro feliz e completo. E como numa relação entre duas pessoas, entre nós também, a cada parte cabe o seu papel. O meu, até então, tem sido o de dançar (das diversas formas que se possa conjugar esse verbo). O dele, do vídeo ou dos olhos que ele representa, é o de me olhar com dancidade¹.

O inteiro, produto dessa soma, ainda não nasceu, mas é esperado e desejado como uma promessa feliz. E como toda cria, antes mesmo de vir ao mundo, já causou em mim – que o aguardo – todo esse REBUliço.

¹ Conceito abordado por Armando Menicacci na palestra de abertura do Seminário Interseções: Corpo e Olhar, Recife, 2009.